



## Bullying: a farsa do valentão

**Maria Irene Maluf\***

Ao contrário da brincadeira entre iguais, onde a intenção não reside em agredir, perseguir, dominar por meio de ameaças verbais, físicas ou psicológicas, toda ação do chamado *Bullying* intenciona antes de tudo demonstrar poder sobre o outro: excluir, tyrannizar, discriminar de modo proposital uma pessoa ou um grupo minoritário (os “diferentes”) e aparentemente sem motivo.

Normalmente os “diferentes” constituem um grupo menor, mais fraco, com mais pontos vulneráveis, que se prestam facilmente aos desejos dos valentões de agredir gratuitamente, mas de forma persistente. Por medo de se tornarem vítimas, os espectadores não interferem nem buscam ajuda para os colegas que são intimidados e ofendidos por um agressor ou um grupo de agressores. A vítima, em geral, não reage, não faz alarde da sua situação, pois tem medo de piorá-la.

As crianças que sofrem *Bullying* voltam frequentemente para casa com pequenos e variados machucados, perdem materiais escolares, choram, tornam-se tristes, mas dificilmente contam aos pais o que ocorre com elas. Muitos não querem mais ir à escola e tornam-se alunos medianos, pessoas inibidas e adultos inadequados socialmente. O agressor normalmente aprendeu a ser agressivo com os adultos de sua família, ou com as pessoas com quem convive, e acredita que usar um comportamento semelhante vai resolver seus problemas.

Aos professores cabem a leitura, o estudo, o debate desse problema, a comunicação com os demais profissionais da escola, com uma equipe multidisciplinar que venha dar-lhes maiores subsídios e manter uma postura de atenção e observação constante sobre seus alunos. À escola cabe, entre outras coisas, promover um bom entrosamento com as famílias de seus alunos. O que não se pode nunca é calar, fugir, fingir que nada acontece, pois, contra ameaças desse tipo, apenas um grande alarde pode enfraquecer os agressores. E sempre procurar ajuda para cortar o ciclo vicioso da agressividade gratuita. Na escola ou fora dela.

\* **Maria Irene Maluf** é Pedagoga especialista em Educação Especial e Psicopedagogia.



## Aproveitando os talentos de todas as gerações

**Jaqueline Silveira Mascarenhas\***

Até bem pouco tempo, as oportunidades que um recém-formado da graduação encontrava para entrar no mercado de trabalho, com grande poder de escolha, eram amplas. Havia várias ofertas de trabalho, inúmeras formas de atraí-lo, diversos modos de retê-lo. Mesmo antes da conclusão do curso, esses chamados jovens talentos, que fazem parte da Geração Y, eram recrutados, selecionados, contratados e retidos pelas empresas a preço de ouro.

De um lado havia uma juventude sedenta por um enriquecimento rápido, remuneração atrativa e a possibilidade de fazer escolhas em um curto espaço de tempo. De outro, a empresa querendo sangue novo e a oportunidade de treinar e desenvolver estes recém-saídos da faculdade. Até aí tudo bem. Mas, numa economia competitiva e sempre às voltas em situações corporativas de impactos e proporções globais, as relações já não aparentam tanta harmonia assim.

Os reflexos da crise econômica de 2008, que a princípio atingiu apenas o mercado financeiro, logo se fizeram sentir na produção de bens e serviços, o que provocou um efeito dominó nas demissões e a redução de novos postos de emprego. Passado o susto, verificamos que as empresas estão atravessando situações complexas e conflituosas internamente – as crises inter-relacionais. É que no mesmo ambiente de trabalho em que se encontra uma nova moçada – com sólidos conhecimentos acadêmicos, tecnológicos e muitas ideias –, há também um outro grupo de profissionais nem tão novos assim em termos de idade e tempo de experiência, mas que cresceram com um outro modelo de agir e pensar a organização. E esta nova relação ainda não está devidamente afinada, pois são gerações diferentes em suas concepções e ações, que convivem entre si e dividem propósitos de vida e carreira. Neste contexto perdem todos: empresas, profissionais e processos. Fica o desafio para os gestores das empresas e de recursos humanos, que é o de traçar caminhos e possibilidades de conciliação, aproveitando os talentos de todas as gerações. Sejam elas da chamada geração X, Y e quem mais virá.

\* **Jaqueline Silveira Mascarenhas** é Psicóloga e coordenadora do Ibmec Carreiras MG, setor de orientação de carreiras do Grupo Ibmec Educacional.



## Educar uma criança é prepará-la para o imprevisível

**Vivien Santa Maria\***

A pedra de toque de uma escola é a maneira como as noções são ensinadas e não a quantidade de conhecimentos transmitidos. Para testar se a criança está aprendendo com inteligência, os pais devem perguntar, a propósito de qualquer solução ou resposta, o porquê. Se ela não sabe explicar, provavelmente, não está usando a inteligência da melhor forma.

E como estimular a criança a usar a inteligência? Os pais e os educadores devem sempre estimular questionamentos: “Como será que o sol se esconde e nasce diariamente? Por que a Terra parece parada e o sol andando?”. E não dar explicações “gratuitas”, como “o sol está parado e a Terra é que gira”. Respostas assim só atrasam o desenvolvimento mental. O melhor é fazer perguntas, propor hipóteses, duvidar das soluções sugeridas pelas crianças.

Com imaginação e paciência, os pais devem suscitar controvérsias e forçar a discussão do assunto, ao longo dos dias. Assim, o problema permanece na mente infantil por muito tempo, exigindo que o pensamento encontre uma equilíbrio própria. A grande habilidade e desafio do educador são exatamente fazer um problema permanecer presente. Enquanto a criança estiver ocupada, produzem-se variadas coordenações mentais. E isso é inteligência.

Quando o educador se empenha em desenvolver a inteligência, não “entulha” a mente da criança com um grande volume de informações. Jean Piaget afirma que educar uma criança é prepará-la para inventar (Matemática) e para descobrir (Física). A ciência já feita não tem a menor importância para este tipo de educação tradicional.

Se a intenção é educar uma pessoa tendo em vista o futuro, não se pode recorrer a nenhum modelo conhecido, pois o futuro é hipotético. Como educar, então? Preparando a criança para enfrentar o imprevisível, desenvolvendo sua inteligência e ensinando-a a resolver problemas. O questionamento permanente sobre o que nos cerca é o que desenvolve a inteligência.

\* **Vivien Santa Maria** é psicóloga pela UFRJ e pedagoga pela PUC; uma das fundadoras da Escola Pólen, no Rio de Janeiro, que, há 33 anos, segue a linha piagetiana.



**Conselho Editorial**  
Ednaldo Carvalho  
Júlio Cesar da Costa

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685JP)

**Coordenação Pedagógica**  
Rebeca Carvalho

**Colaboração**  
Cláudia Sanches, Sandra Martins, Tony Carvalho,  
Marcela Figueiredo e Wellison Magalhães

**Fotografia**  
Marcelo Ávila, Fábio Lacerda  
e Tony Carvalho

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade**  
Bimestral

**Tiragem**  
70.000 (setenta mil)

**Impressão**  
Gráfica Ediouros

**Produção**  
Jatobá do Rio Assessoria de Comunicação Ltda.

**Distribuição**  
Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/222  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

**Endereço Eletrônico:**  
[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)  
Tel.: (21) 3983-3200